



Sylvia Cavalcante
Gleice A. Elali
(orgs.)

Temas básicos em Psicologia Ambiental

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Temas básicos em Psicologia Ambiental / Sylvia Cavalcante, Gleice A. Elali (organizadoras). – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

Vários autores

Bibliografia

1ª reimpressão, 2017.

ISBN 978-85-326-4138-0

I. Psicologia Ambiental I. Cavalcante, Sylvia.
II. Elali, Gleice, A.

11-04079

CDD-155.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia Ambiental 155.9

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

Multimétodos

Hartmut Günther
Gleice Azambuja Elali
José Q. Pinheiro

Entendimento geral

A adoção da abordagem “multimétodo”, “triangulação metodológica” ou “*mixed methods*”, corresponde ao uso de dois ou mais métodos de pesquisa definidos em função do objeto e dos objetivos almejados pelo pesquisador. Desde a década de 1930 vários autores recomendam a adoção de múltiplos métodos para a abordagem de um tema, estratégia que, embora possa representar um significativo trabalho adicional na coleta e análise dos dados, tem o propósito de diminuir os vieses inerentes à adoção de procedimentos que resultem em aspecto do objeto em estudo em detrimento de outros. Para essa escolha, portanto, é essencial um conhecimento abrangente do objeto de estudo e das dimensões que atuam em sua definição. Saliente-se, ainda, que opção metodológica não representa apenas o domínio/aplicação de ferramentas diferenciadas; é essencial que, além de apresentar e discutir os resultados oriundos de cada tipo de coleta de informações, o pesquisador busque a integração entre tais resultados.

Retrospectiva

A pesquisa social baseada em abordagens metodológicas múltiplas não é algo novo nas ciências sociais. Já em 1933, Lazersfeld, Jahoda e Zeisel publicaram um estudo sobre os desempregados de Marienthal, um vilarejo perto de Viena, Áustria. Os autores – um sociólogo com doutorado em Matemática Aplicada, uma psicóloga social com doutorado em Psicologia Geral e um cientista social com dois doutorados, um em Ciências Sociais e outro em Direito – faziam parte de um centro de pesquisa em psicologia econômica. Cinquenta anos depois, ao comentar aquela pesquisa, Neurath (1983) observou que o trabalho tomou-se um clássico justamente por utilizar a “então relativamente nova combinação entre observação qualitativa e análise de dados quantitativa” (p. 124).

Hoje, a aplicação de abordagens metodológicas múltiplas é conhecida como triangulação, abordagem multimétodos ou *mixed methods*, sendo considerada uma estratégia que possibilita a diminuição dos vieses inerentes à adoção de um único procedimento de pesquisa, já que usar um determinado método ao invés de outro não permite abarcar as várias vertentes de um problema como em uma abordagem múltipla.

Em função da diversidade de temas e da complexidade dos objetos de pesquisa trabalhados, a adoção da abordagem multimétodos pode ser considerada uma característica da Psicologia Ambiental (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008). Para entender tal afinidade, convém lembrar que a Psicologia Ambiental faz parte de um conjunto heterogêneo de áreas de estudo dedicadas a compreender as inter-relações entre pessoas e ambientes, áreas cujos pesquisadores investigam

comportamentos e/ou estados subjetivos das pessoas (P) relacionando-os às características do ambiente (A) no qual estas agem e com o qual interagem. Ao se tratar de relação recíproca pessoa-ambiente, nem sempre P e A constituem as variáveis antecedentes e/ou critério, pois o foco central dos trabalhos precisa ser a interface entre ambos (P-A). A complexidade de “P” e de “A” e, sobretudo, da interação entre os dois reflete-se no fato de várias disciplinas (como arquitetura, desenho industrial, geografia humana, paisagismo, planejamento urbano, psicologia ambiental, sociologia, entre outras) investigarem aspectos distintos da relação pessoa-ambiente (RPA). Esta variedade entre disciplinas, além das alternativas metodológicas existentes dentro de cada área, implica uma multiplicidade de procedimentos de pesquisa disponíveis para o estudo das RPAs. Por outro lado, se as RPAs permitem estudos sob as mais variadas perspectivas disciplinares e metodológicas, tal fato aponta para a desafiabilidade de se procurar pontos de convergência em volta de um mesmo objeto de pesquisa, isto é, buscar maneiras de agregar disciplinas, teorias e métodos, a fim de integrar experiências diferenciadas e, assim, validar construtos mediante uma perspectiva multimétodos.

Vantagens

Desde a década de 1930, a partir das pesquisas de Lazersfeld e colaboradores (1933), muitos autores recomendam a adoção de métodos variados na abordagem de um tema, estratégia que, embora possa representar um significativo trabalho adicional na coleta e análise dos dados, tem o propósito de diminuir os vieses inerentes à adoção de proce-

dimentos que ressaltem apenas um aspecto do objeto em estudo, deixando de lado fatores fundamentais que interferem na situação. Sommer e Sommer são categóricos ao afirmar que "não existe técnica de pesquisa ideal nas ciências do comportamento" (1980: 7).

Ao destacar a vantagem de se usar mais de um método para investigar um mesmo fenômeno social, Kish (1987) apontou três critérios para avaliar delineamentos estatísticos e metodológicos: representatividade, randomização e realismo. O autor enfatizou que dificilmente um só tipo de estudo poderia satisfazer tantas exigências, uma vez que elas constituem, respectivamente, características predominantes da observação, do experimento e do levantamento de dados (*survey*). Assim, ao escolher um ou outro destes métodos, o pesquisador estaria necessariamente sendo parcial, já que cada uma das abordagens é incompleta, razão pela qual Kish oferece a sugestão de utilizar mais de um método ao estudar qualquer tema.

Em sentido semelhante, Brewer e Hunter (1989) afirmaram que pesquisa de campo, levantamento de dados, experimentação e pesquisa não reativa constituem os principais métodos das ciências sociais, apontando que

interpretar os resultados de qualquer um destes métodos é tarefa incerta na melhor das hipóteses. A maior fonte de incerteza é que qualquer estudo utilizando apenas um único tipo de métodos de pesquisa [...] deixa de lado hipóteses rivais não testadas [...] que colocam em questão a validade dos achados do estudo (BREWER; HUNTER, 1989: 14).

A mais recente atenção dada à abordagem multimétodos, triangulação e *mixed methods* pode ser atribuída, respectivamente, 1) à compreensão de que o comportamento humano é tão complexo que o uso de apenas um método não consegue explicá-lo; 2) aos estudos de cunho mais qualitativo que se beneficiaram de uma articulação dos resultados de diferentes investigações; e (3) ao reconhecimento de que já é a hora de superar as comparações entre métodos qualitativos e quantitativos por meio de uma terceira via – isto é, uma mistura crítica de diferentes métodos (GÜNTHER, 2006; TASHAKKORI; TEDDLIE, 2003: x). Sempre que possível, portanto, deve-se adotar uma estratégia de pesquisa que, além de abordar aspectos diferenciados do problema, permita a identificação de pontos de convergência entre os resultados assim obtidos. Tais pontos são retomados em vários pontos do *Handbook of Mixed Methods* organizado por Tashakkori e Teddlie (2003), especialmente no capítulo de Johnson e Turner (2003).

No campo da Psicologia Ambiental a discussão acerca de abordagem multimétodos vai muito além de combinar experimento, *survey* e observação, como pode ser constatado em vários manuais metodológicos da área (AMEDEO; GOLLEDGE; STIMSON, 2009; BECHTEL; MARANS; MICHELSON, 1987; PINHEIRO; GÜNTHER, 2008), os quais apresentam uma grande variabilidade de métodos e técnicas de investigação. Analisando as aproximações metodológicas que facilitam a compreensão das experiências ambientais humanas, Uzzell e Romice (2003) indicaram como os principais modos de pesquisa os mapas cognitivos, os percursos sensoriais e avaliativos, a avaliação da impressão/percepção, a si-

mulação, os questionários, a observação, o mapeamento comportamental, os construtos pessoais de Kelly e os diferenciais semânticos.

Isoladamente cada um destes métodos produz informações sobre um aspecto da experiência ambiental; em conjunto, eles podem oferecer uma representação holística e continuada da experiência ambiental dos indivíduos (UZZELL; ROMICE, 2003: 83).

Tais autores salientaram, ainda, que no diálogo com outras áreas de conhecimento – sobretudo campos mais aplicados, como arquitetura, urbanismo e *design* – os métodos não devem ser encarados como barreiras, podendo tornar-se aliados poderosos na busca da interdisciplinaridade:

A aplicação isolada de um método pode gerar lacunas no conhecimento obtido, apontando para resultados que contemplam apenas uma faceta da realidade. Sob esse ponto de vista torna-se aconselhável que [...] os desvios surgidos a partir de um tipo de coleta de dados sejam contrabalançados por informações originadas em outras formas de pesquisa (ELALI, 1997: 355).

Questões práticas

Do ponto de vista prático, a adoção de uma abordagem multimétodos implica o uso de dois ou mais métodos de pesquisa, em função do objeto e dos objetivos almejados por quem conduz a investigação. Para tanto, é fundamental que o pesquisador tenha uma noção clara das dimensões subjacentes ao fenômeno que está estudando, a fim de poder escolher métodos que possibilitem um conhecimento abrangente

do objeto de estudo. É preciso esclarecer, no entanto, que essa não é apenas uma questão de domínio/aplicação de ferramentas diferenciadas, ampliando o tempo e o esforço na coleta e análise de dados. Além de apresentar e discutir de maneira independente os resultados oriundos de cada tipo de investigação utilizado, a abordagem multimétodos fica incompleta se não houver a integração dos resultados assim obtidos.

Cabe observar que, por mais bem elaborados e aplicados que sejam, os instrumentos não garantem o sucesso de uma avaliação [...], uma vez que são incapazes de, por si só, apreender a experiência que é produzida em um mundo que não é pré-definido e que não depende do observador (RHEINGANTZ et al., 2009: 15).

Por não se tratar apenas de aplicar métodos diferentes, e sim de saber escolher e justificar estratégias que auxiliem na elucidação do problema, é recomendável que os instrumentos empregados forneçam informações sobre aspectos complementares do fenômeno. Assim, se um aspecto de estudo está centrado nas pessoas, outro pode estar centrado no ambiente; se uma técnica focaliza especificamente o espaço, outra pode estar focada no tempo da mesma situação, como ilustrado a seguir por meio de dois exemplos.

Em sua apresentação sobre mapeamento comportamental, Sommer e Sommer (1980) fazem uma importante distinção entre mapeamento centrado na pessoa e no lugar. No primeiro caso, toma-se a pessoa como referência e suas atitudes no ambiente de interesse são registradas (com o nível de detalhamento necessário para as finalidades da pesquisa em questão). Presta-se atenção ao tempo envolvido nas ativi-

dades da pessoa no ambiente; os espaços são importantes apenas se e quando o forem para aquele indivíduo específico. Ao se realizar o mapeamento comportamental centrado no lugar, por outro lado, é o espaço que domina; ele é soberano na determinação do que será observado. Evidentemente, a melhor compreensão da interação pessoa-ambiente naquele local só será atingida pelo cruzamento dos resultados obtidos por esses dois meios.

Consideremos agora a interação criança/*playground*. Tal interação pode ser estudada por arquitetos e urbanistas (como construir e onde colocar um *playground*), por paisagistas (que elementos incluir no *playground* e como organizá-los), por sociólogos (quem brinca com quem), por psicólogos ambientais (qual a interação criança/material colocado à disposição), por diferentes perspectivas da psicologia, os quais podem enfatizar diversos aspectos desta interação (do desenvolvimento, do comportamento social, da aprendizagem), entre outros. Consequentemente, dependendo de seus objetivos, os estudos realizados podem basear-se em experimento (incluir/remover determinados elementos do *playground*), entrevista com crianças e acompanhantes, observação de como o ambiente foi deixado no fim do dia, conversa com as pessoas responsáveis pelo ambiente. Finalmente, caso a pesquisa focalize a interação da criança com seu *playground*, o estudo pode, ainda, assumir um dos níveis indicados por Gifford (1987) ao diferenciar entre processos individuais (concentrando-se na interação do indivíduo com seu ambiente), sociais (interação dos indivíduos com os ambientes sociais e físicos) e contextuais (ou societais – referência ao contexto social dentro do qual acontecem os primeiros

dois tipos de interação). Cada uma destas perspectivas temáticas implica determinado método e, se o objetivo da pesquisa for definido na interface entre elas, mais de um modo de investigação passa a ser exigido para sua elucidação.

Em resumo, devido à grande complexidade das relações pessoa-ambiente, para seu entendimento convém aproveitar perspectivas disciplinares e teóricas diferentes, o que implica, necessariamente, uma abordagem multimétodos. O fato das estratégias de investigação terem origem em áreas de conhecimento distintas (biologia, psicologia, sociologia, arquitetura etc.) ou se embasarem em teorias alternativas dentro de uma mesma área (e.g., social, cognitiva, comportamental), pode possibilitar uma compreensão mais ampla de determinados fenômenos sociocomportamentais desde que o pesquisador se preocupe com a integração das informações coletadas, justificando, assim, sua opção por adotar múltiplos pontos de vista.

Referências

- AMEDEO, D.; GOLLEGE, R.G.; STIMSON, R.J. (2009). *Person Environment Behavior Research: Investigating activities and Experiences in Spaces and Environments*. Nova York: Guilford.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. (orgs.). (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes [Trad. de Pedrinho A. Guareschi].
- BECHTEL, R.B.; MARANS, R.W.; MICHELSON, W. (orgs.) (1987). *Methods in Environmental and Behavioral Research*. Nova York: Van Nostrand.
- BREWER, J.; HUNTER, A. (1989). *Multimethod Research: A Synthesis of Styles*. Thousand Oaks, Cal.: Sage.

- ELALI, G.A. (1997). Psicologia e arquitetura: a busca do locus interdisciplinar. *Estudos de Psicologia*, 2, p. 349-362.
- GIFFORD, R. (1987). *Environmental Psychology*. Boston, MA: Allyn; Bacon.
- GÜNTHER, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22, p. 201-209.
- JOHNSON, B.; TURNER, L.A. (2003). Data Collection Strategies in Mixed Methods Research. In: TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. (orgs.). *Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*. Thousand Oaks, CA: Sage, p. 297-319.
- KISH, L. (1987). *Statistical Design for Research*. Nova York: Wiley.
- LAZARSELD, P.F.; JAHODA, M.; ZEISEL, H. (1933). *Die Arbeitslosen von Marienthal* [Os desempregados de Marienthal]. Leipzig: Hirzel [Uma edição em língua inglesa foi publicada em 1971 por Aldine-Atherton, Chicago, sob o título *Marienthal: The Sociology of an Unemployed Community*].
- NEURATH, P. (1983). Paul F. Lazarsfeld: Leben und Werk [Paul F. Lazarsfeld: vida e obra]. In: KREUZER, F. (org.). *Des Menschen hohe Braut: Arbeit, Freizeit, Arbeitslosigkeit* [A Viena]: Deuticke, p. 115-136.
- PINHEIRO, J.Q.; GÜNTHER, H. (orgs.) (2008). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RHEINGANTZ, P.A. et al. (2009). *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Pro-arq/UFRJ.
- SOMMER, R.; SOMMER, B. (1980). *A Practical Guide to Behavioral Research: Tools and Techniques*. Nova York: Oxford University Press.

TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. (orgs.) (2003). *Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.

UZELL, D.; ROMICE, O. (2003). L'analyse des expériences environnementales. In: MOSER, G.; WEISS, K. (orgs.). *Espaces de vie*. Paris: Armand Colin, p. 49-84.

Leia também, neste volume, os capítulos 2) Ambiente; 19) Interdisciplinaridade.